

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE
JUÍNA-MT**

Autora: Sandra Pereira Figueiredo

Orientadora: Ma. Denise Peralta Lemes

JUÍNA/2015

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE
JUÍNA-MT**

Autora: Sandra Pereira Figueiredo

Orientadora: Ma. Denise Peralta Lemes

“Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia, do Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena como exigência para obtenção do título de Licenciada em pedagogia.”

JUÍNA/2015

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Aline Fernanda Ventura Sávio Leite

Prof.^a Esp. Tatiane Ferreira Garcia

Prof.^a Ma. Denise Peralta Lemes
Orientadora

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho em especial aos meus pais Juraci Pereira Figueiredo e Jeanete de Fatima Ribeiro P. Figueiredo (Janete) pela dádiva de serem meus pais. Todavia por me apoiarem nessa realização, sobretudo quando, percebo neles um imenso orgulho e satisfação na conclusão desse curso superior. Em especial Dedico a minha mãe mulher integra, batalhadora que me incentivou auxiliando em todos os momentos de minha vida, dedico a sua bravura, e paciência para comigo, sobretudo no decorrer do curso, mulher que amo e tenho muito orgulho, respeito e admiração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me concedeu o dom de viver, qual me possibilitou concretizar mais um projeto de vida. Meus agradecimentos se distendem também aos meus pais pela compreensão e motivação. A professora Mestre Denise Peralta Lemes que nos orientou e acompanhou para a realização desse trabalho. Ao Professor Wilson Filho pela orientação na disciplina TCC II, há todos os professores Zilma Marques Graeff, Maria Aparecida Cera Casquet, Geneval Pereira de Araújo, José Rodrigues Filho, Ivani Cardoso Dalla Valle, Isabel Vieira, que cederam as entrevistas em especial a pessoa do professor Wilson Aparecido Pereira que nos recebeu e indicou fontes, juntamente com sua esposa Marcia Pereira os quais nos emocionaram com suas histórias e experiências de vida docente.

Igualmente às colegas de sala, agradeço pelos conhecimentos compartilhados, mas em especial as experiências vivenciadas, foram muitas histórias, confraternizações, brigas, amores, afetos e desafetos, em particular agradeço Andréia Sanches, Edicleuma Lopes, Eliane Lima, Patricia Itaibele Pereira e Valeria Bastos que se fizeram mais próximas, partilhando de momentos singulares, todos esses farão parte de nossas lembranças e marcarão essa etapa de nossas vidas, obrigado por me suportarem. Ao longo do trajeto fomos nos conquistando, nos entendendo e aceitando as diferenças presentes no outro, vivendo as histórias umas das outras, percebemos que não há um “melhor”, que não vale uma única opinião, e celebro essa evolução individual.

Há muitos outros que se fizeram especiais durante esse percurso, me amparando e incentivando em momentos difíceis e conturbados, que jamais imaginei passar os quais não poderia deixar de citar, com emoção direciono meu agradecimento às amigas e confidentes Eliete Marques Lima e Cristiniana Souza da Costa pela amizade, cumplicidade e encorajamento. E a Sonia Oliveira pelas partilhas de vida, carinho.

Não sairemos daqui com conhecimento inteiramente concluído, ao passo aprendizagem se dará continuamente no processo da caminhada, e isso nos impulsiona. “Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”. (Marthin Luther King).

EPÍGRAFE

*“No nosso livro a nossa história é faz de conta ou é faz
acontecer?”*

(O Teatro Magico)

RESUMO

Ao discorrer sobre a história da educação não há como deixar de citar o processo pelo qual se passou com o início da invasão dos Portugueses, o qual instituíram um modelo educacional oriundo da Europa, apresentados pelos Jesuítas. Todavia com o propósito de manter os colonos sob os domínios da igreja, e os índios como mão de obra para o trabalho, fixando uma educação pautado nos ensinamentos religiosos. A história da educação no Mato Grosso está atrelada a história nacional, período de adentrada para o centro do país pelos bandeirantes com o proposto de extração de riquezas e a escravização dos “nativos”. Formando a partir de então a mais nova província, além de muita pobreza e fome essa população não se atentava as questões do ensino. Em todo o contexto educacional ao se referir ao ensino percebe-se que a que o mesmo se destina aos mais abastados ou privilegiado da sociedade. O trabalho abordará também a evolução histórica da educação no município de Juína, direcionando a pesquisa aos educadores, com o propósito de relatar os processos de transformações e avanços ocorridos, durante a evolução da educação no município de Juína, localizado no Noroeste de Mato Grosso. Juína titulada a “Rainha da Floresta” inicia-se sua colonização somente em 1978, devido a migração de famílias oriundas especialmente das regiões sul, sudeste e centro oeste do país. Realidades e situações complexas como problemas financeiros ligados a questão salarial era corriqueiro, exposto pela maioria dos professores, ficavam seis meses ou mais sem receber o salário. Nas entrevistas percebe-se que através das narrativas o quanto mesmo com dificuldades, se sentiam gratificados, observava-se entusiasmo ao lembrarem fatos ocorridos, mesmo com pouca instrução e materiais pedagógicos, utilizavam-se da imaginação e criatividade. Contudo apesar de inúmeros desafios, vão sendo observados os avanços e estabelecidos novos rumos para a educação.

Palavras-chave: Contexto Histórico, Educação, Professores.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----------|
| FIGURA 01: Mapa Município de Juína..... | 21 |
| FIGURA 02: Vista Aérea Projeto Juína 1976 | 23 |
| FIGURA 03: Vista aérea das instalações administrativas da CODEMAT- 1977 | 24 |
| FIGURA 04: Acampamento da Construtora Tavares LTDA (Bodinho)1977... | 24 |
| FIGURA 05: Pag. Inicial da Carteira de trabalho Prof. Zima | 25 |
| FIGURA 06: 1º Registro de trabalho Prof. Zilma 09/03/83 | 26 |
| FIGURA 07: Escola Municipal Maria Lygia de Borges Garcia (Fontanilhas) | 26 |
| FIGURA 08: 1ª Professora de Juína (Terezinha Gonçalves) durante visita do governador | 28 |
| FIGURA 09: Desfile de 07 de Setembro..... | 28 |
| FIGURA 10: 1ª Igreja Católica (hoje Catedral) | 28 |
| FIGURA 11: Desfile 07 de Setembro | 29 |
| FIGURA 12: Escola Dr. Guilherme | 29 |
| FIGURA 13: Professores de Juína | 31 |
| FIGURA 14: Percentual de crianças atendidas na rede educacional por faixa etária 2010 | 37 |

LISTA DE ABREVIATURAS

| | |
|----------------|--|
| LDB | Lei de Diretrizes e Base |
| TCC | Trabalho de Conclusão de Curso |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas |
| SUDECO | Superintendência de Desenvolvimento de Centro Oeste |
| CODEMAT | Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso |
| UEM | Universidade Estadual de Maringá |
| UFMT | Universidade Federal do Mato Grosso |
| UNEMAT | Universidade Estadual do Mato Grosso |
| CEFAPRO | Centre de Formação de Professores |
| NEAD | Núcleo de Educação a Distância |
| COMAPE | Conferencia Municipal de Aprovação do Plano de Educação |
| SNE | Sistema Nacional de Educação |
| PNE | Plano Nacional de Educação |
| PME | Plano Municipal de Educação |
| MEC | Ministério da Educação |
| DCNEs | Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica |
| DCNEI | Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO..... | 12 |
| 2.1 Breve Relato Da Educação No Brasil | 12 |
| 2.2 Breve Relato Da Educação No Estado De Mato Grosso | 15 |
| 3 METODOLOGIA | 19 |
| 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 21 |
| 4.1 Localização E Descrição Do Município De Juína-MT | 21 |
| 4.2 Educação Em Juína: Nos Primórdios Era Assim | 24 |
| 4.3 Hoje É Assim | 36 |
| 5 DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO DO FUTURO | 40 |
| 6 CONCLUSÃO | 42 |
| REFERÊNCIA..... | 44 |

1. INTRODUÇÃO

No contexto histórico devido à grande movimentação e exploração dos territórios da região noroeste do Estado do Mato Grosso, surge então o projeto de implementação da cidade de Juína. A partir daí inicia-se a migração de populares especialmente do sul do país em busca de terras para o sustento das famílias, com isso surge a necessidade de se implantar escolas para atender aos filhos dos colonizadores que aqui residiam.

O devido trabalho tem relevância no que diz respeito à contribuição na conjuntura histórica da educação no município de Juína, oportuniza um amplo conhecimento do processo de implementação das primeiras instituições de ensino, e com isso ter uma visão sobre a realidade vivenciada pelos os primeiros educadores, suas dificuldades e anseios diante das circunstâncias da época.

Segundo FERREIRA (2001, p.417) “O início da povoação aconteceu através da construção da rodovia AR-1, que liga a cidade de Vilhena, no Estado de Rondônia á Aripuanã, que na década de setenta era de difícil acesso, sendo conhecida por “Terra Esquecida”.

Rainha da Floresta termo como é conhecida à cidade de Juína até então projeto, iniciou sua colonização a partir de 1978, com a chegada de famílias naturais do sul e sudeste. Vindo então a se tornar distrito de Aripuanã apenas um ano mais tarde. Com a chegada dos colonos e conseqüente de suas famílias, apresentam-se também a necessidade de implantação de escolas para atender aos filhos.

Com base no artigo 2º da LDB n.39 “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. LDB (2010 p.8) A educação é o alicerce fundamental para o desenvolvimento da sociedade, um importante subsídio para contribuir na formação de cada cidadão, somente através da mesma o indivíduo se ampara por meio do conhecimento.

Diante desses fatores analisamos a necessidade de pesquisar sobre este importante período pelo qual o município passou no âmbito educacional. Questões Como: De onde migraram os primeiros educadores? Quem foram eles? Como e

quando ocorreu o processo de habitação da cidade de Juína? Como esses educadores contribuíram para a educação do município? Quais foram suas dificuldades e anseios? Era proporcionado formação ou capacitação para auxiliá-los? Serão fundamentais para o desenvolvimento do mesmo.

O presente trabalho aborda a evolução histórica da educação no município de Juína, pertinente aos objetivos propostos no trabalho exporemos como alvo a elaboração de uma pesquisa que apresentará a história da Educação no contexto da colonização, abordando o surgimento das primeiras instituições de Ensino e seus educadores. Enfatizando assuntos específicos como: A valorização da história e os pioneiros da Educação pública no processo civilizatório do município, identificando quem foram esses pioneiros e suas colaborações; relatando as dificuldades e necessidades surgidas na época. Enfatizando também se eram oferecidas capacitações ou formações para os educadores.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os capítulos que seguem abordarão um breve relato da conjuntura histórica da Educação do Brasil, herança de um modelo de educacional oriundo de Portugal, esse imposto sobre a população local nos primórdios da colonização, não levando em consideração a educação já praticada pelos mesmos, no estado do Mato Grosso e conseqüentemente o município de Juína essas cominações não foram diferentes.

2.1 BREVE RELATO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

A educação no Brasil perpassa por vários momentos marcantes, iniciaremos com a chegada dos portugueses, e conseqüentemente com a fixação de um modelo de Educação originado da Europa, a companhia de Jesus ou Jesuítas. Esse modelo de educação objetivava não apenas expandir a religião, mantendo os colonos sob controle do catolicismo, religião predominante nesse período, mas também catequisar a população local, conforme salienta Aranha (2006, p.142): “europeizar e cristianizar os nativos”. Ainda, segundo a autora:

Nesse período de 210 anos, os Jesuítas promoveram maciçamente a catequese dos índios, a educação dos filhos dos colonos, a formação de novos sacerdotes e da elite intelectual, além do controle da fé e da moral dos habitantes da nova terra. (ARANHA, 2006, p.140)

Apesar do impacto cultural ocasionado pela a chegada dos Jesuítas, com a finalidade “catequisar os nativos”, esse processo de educação foi considerado de grande contribuição pelo fato de ter um cunho pedagógico, deixando inúmeros documentos importantes para a história. (ARANHA, 2006). Quando os Jesuítas foram expulsos do Brasil pelo Marques de Pombal, ouve outro grande impacto, pois o sistema de educação que regia mesmo sendo de maneira invasiva e opressiva se encontrou estagnado, ocorrendo um retrocesso na educação da época.

Pouca coisa restou de prática educativa no Brasil. Continuaram a funcionar o Seminário episcopal, no Pará, e os Seminários de São José e São Pedro, que não se encontravam sob a jurisdição jesuítica; a Escola de Artes e Edificações Militares, na Bahia; e a Escola de Artilharia, no Rio de Janeiro. (REZENDE et al 2014, p.25)

No que diz respeito à expulsão dos Jesuítas, como a missão dos mesmos era a catequização por meio da fé e por consequência a submissão religiosa, esse propósito já não interessava mais ao Marques de Pombal, pois suas pretensões eram de fortalecer os interesses do estado, para tanto instituiu as chamadas aulas régias. (RESENDE et al 2014, p.25)

Com a chegada do rei D.João VI o recurso encontrado foi o de inserção do ensino superior “para atender às necessidades, do momento, ou seja, formar oficiais do exército e da marinha (para a defesa da colônia, engenheiros militares, médicos, e a abertura de cursos especiais de caráter pragmático” (ARANHA,2006, p.221).

Apesar dos métodos e tentativas utilizados, durante o período do Império até a proclamação da independência visivelmente pouco foi feito pela implantação de um sistema de educação no Brasil.

(...) D.Pedro I liderou a independência, outorgando em seguida a nossa primeira Constituição, a de 1824. Essa carta constitucional continha um tópico específico em relação a educação. Ela inspirava a ideia de um sistema nacional de educação. Segundo ela o império deveria possuir escolas primarias, ginásios e universidades. (GHIRALDELLI, 2006, p.28)

Ainda segundo Ghiraldelli, (2006, p.28-29) apesar de uma proposta avançada, na prática não aconteceu, sendo assim foi tomada outra ação o “método lancasteriano de ensino”, pela Lei de outubro de 1827, constava de uma metodologia onde os alunos que mais se destacavam orientavam os outros, todavia não era necessário conhecimento específico. Dessa forma era visível a falta de profissionais no atendimento aos alunos e consequentemente a deficiência por parte do então sistema de educação.

Para Aranha, (2006, p. 230) “No século XIX ainda não havia propriamente o que poderia chamar-se *pedagogia brasileira*”. Todavia alguns grupos manifestavam ideias de uma educação que seguia tendências europeias e norte-americanas, esses intelectuais promoviam discursos com a população. Nesse período algumas ideias positivistas acabam contrapondo-se com pensamentos dominantes da época.

No campo das ideias” “forte influência na libertação dos escravos e na proclamação da República” ainda segundo a autora “No campo educacional, a orientação positivista do ensino intensificava a luta pela escola pública, leiga e gratuita, bem como pelo ensino das ciências”. (ARANHA,2006, p. 231)

Em meados da década de 1920 os intelectuais interessados em educação puderam ler, entre outros autores, o filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952). Foi ele que, em 1896 nos Estados Unidos, criou a University Elementary School acoplada à Universidade de Chicago como um campo experimental da “educação nova” ou, ainda, a “pedagogia da escola nova” (o que gerou entre nós o termo “escolanovismo”, para identificar a doutrina dessa experiência e de outras, semelhantes ou não). (GHIRALDELLI, 2006, p.34)

Segundo Ghiraldelli, (2006, p.34) esse foi um tempo de avanço pois autores puderam desenvolver suas primeiras obras como o caso de [...] “Lourenço Filho em seu livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova*¹, publicado pela primeira vez em 1929 e que, depois, se tornou um clássico da literatura pedagógica brasileira”. Esse foi um período de grandes embates de um lado a “pedagogia nova²” trazendo uma nova visão dos métodos de aprendizagem de outros a “pedagogia tradicional³” com características Jesuíticas.

[...] ocorreu a V Conferência Nacional de Educação, cujo objetivo era a discussão de um “Plano Nacional de Educação”, menos com intuito de formular uma sugestão para o “Governo provisório” e mais com uma estratégia de influenciar os trabalhos da já então prevista Assembleia Nacional Constituinte, que acontecia, como de fato ocorreu em 1934. Entre uma Conferência e outra, alguns intelectuais jovens, [...] assinaram um texto que se tornou um clássico na literatura pedagógica da história e filosofia da educação brasileira: o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, publicado em 1932. (GHIRALDELLI, 2006, p.41)

Nesse texto continha então suscitações na qual diziam que apesar de todos os problemas existentes nacionalmente, nenhum se comparava ao da educação. Todavia não seria possível um avanço em virtude da deficiência de um sistema cultural [...] “que seriam fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade”. O texto ainda indaga que uma das principais carências do sistema seria a ausência de [...] “uma filosofia da educação e, mais, uma visão científica dos problemas educacionais”. (GHIRALDELLI, 2006, p.41)

¹ [...] no Brasil surgiu vinculada à necessidade de expandir o ensino elementar, de superar a escola tradicional diante das exigências do mundo moderno. No final do século XIX se iniciava o escolanovismo, que já no século XX, através do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, publicado em 1932, representou um dos mais significativos e propositivos movimentos nacionais em prol da implantação do sistema de educação pública.

² [...] foi disseminada no Brasil por contar com uma política educacional empreendida por diversos integrantes do Manifesto dos Pioneiros em alguns estados da federação, além de uma teoria educacional, uma metodologia correspondente e uma forma de organização escolar.

³: [...] formou-se a partir da herança da Pedagogia Jesuítica e de teorias pedagógicas modernas, providas da Alemanha e dos Estados Unidos.

2.2 BREVE RELATO DA EDUCAÇÃO NO ESTADO DE MATO GROSSO

O processo de educação no Mato Grosso se deu semelhante ao do Brasil, ocorrendo inicialmente com a adentrada dos bandeirantes em busca de extração de riquezas e escravização dos povos nativos chamados índios. Segundo Alves (2011, p.7) Através das expedições e conseqüentemente pela descoberta do ouro, alguns populares foram migrando –se para a mais nova província. Essa busca desenfreada por riquezas gerava muita pobreza e fome, além disso essa população não se atentava as questões do ensino, todavia [...] “Pode se afirmar, por inferência, que houve ensino na província de Mato Grosso, até a década de 1770, foi através de experiências isoladas que não deixaram registros oficiais.” ALVES (2011, p.7).

Ainda segundo a autora, os registros que se tem da então criação das primeiras escolas no Mato Grosso está datada em 1772 através de propostas dos governantes.

“Pode-se imaginar, no máximo, antes dessa época, a existência de raríssimos professores itinerantes, de origem lusitana, para cá deslocados nas próprias viagens dos capitães sic -gerais e de outras altas autoridades, quando estes demandavam da metrópole para a capitania. Sua função seria atender aos filhos dos escassos quadros burocráticos e militares portugueses.” Alves apud Alves (2011, p.7).

Em todo o contexto educacional do Brasil ao se referir ao ensino percebe-se a que classe se destina, aos mais abastados sempre estado no patamar de privilegiados, mais precisamente. “Em 1790 se tem registro da presença de professores, estudantes e mestres régios em algumas festas e bailes realizados em Cuiabá. Destacam-se as presenças de mestres régios de latim, de ler, de gramática latina e de língua portuguesa.” (ALVES 2011, p.8). Segundo a autora, havia um professor para cada disciplina, nesse período as aulas eram ministradas de forma que atendessem as precisões do público alvo, que no contexto deveriam qualifica-los para a demarcação de terras já que era um dos problemas agravantes da época. Para o custeio dessas aulas régias deveria ser capitados impostos com a iniciativa de investir na instrução do ensino, método imposto por Pombal, à aplicação dessas aulas ficou marcada como a primeira manifestação de educação pública no Mato Grosso.

Conforme Alves (2011, p.9) nessa ocasião a província do Mato Grosso passava por grandes dificuldades referentes à falta de professores qualificados, embora a falta de incentivo e mobilização por parte do governo do estado, uma figura foi de grande

importância para a educação no Mato Grosso o Pe. José Manoel de Siqueira. Já durante o Império várias foram as tentativas de se estabelecer o ensino na província, para tanto Alves (2011, p.10) destaca a implantação do seminário da Conceição e o Liceu Cuiabano em 1880, sendo a primeira instituição secundária de ensino na província, o Liceu nada mais era do que a organização de aulas normais isoladas, no mesmo prédio que em sua formação estabelecia um ensino voltado para a vida religiosa.

Salienta ainda que em 1872 foi aprovada pelo governo a província um regulamento que tinha como medida aulas noturnas, direcionadas para o público de operários e artistas entre outros, porém essa prerrogativa tinha como condição que o professor lecionasse gratuitamente, em seu discurso o governo pronunciava discursos com a finalidade de se esquivar da responsabilidade dessa modalidade de ensino. Ainda segundo a autora, nesse mesmo o governo constituiu que a província deveria assumir apenas o ensino primário, alegando não existir quantidade suficiente de público para o ensino secundário. ... “Em outras palavras, o Estado, ao assumir apenas o ensino primário, relegou às instituições privadas o ensino secundário.” ALVES (2011, p.12)

Alves (2011, p.12) descreve que em 1875 é aprovada pelo governo da província a construção da primeira escola normal, esse período era marcado por incertezas administrativas ocasionando evoluções e retrocessos, já que abriam e fechavam com frequência as próprias. (...) “em prédio próprio, em 1875, contou com 33 alunos no 1º ano. Com apenas 4 anos de funcionamento, a escola normal foi incorporada ao ensino secundário oferecido pelo Liceu Cuiabano” [...] ALVES (2011, p.12). A partir dessa realidade o até então governo da província admitiu assumir uma parcela do ensino secundário.

Todavia em 1880 é criada um novo regulamento de instrução pública no Mato Grosso, ressalta-se nesse contexto a inserção da mulher no cenário do magistério. O discurso é de igualdade intelectual perante o homem, todavia apreço relatos de que os motivos seriam salários pouca atraentes, nesse sentido a inserção das mulheres nesse panorama. Em 1881 o então diretor da instrução pública, Dr. Dormevil Malhado percebe as necessidades em se realizar a formação dos professores institui assim uma escola que trabalhe práticas metodológicas com os professores, mas somente em 1889 é criado um regulamento que dê preferência a questões do ensino. Nesse

mesmo ano assume como novo instrutor público o Dr. Antônio Herculano de Souza Bandeira, que promete reestruturar o cenário educacional enfatizando a formação dos professores, eis que seu discurso salienta o seguinte:

[...] “pretendo fundar uma escola especial, onde as jovens mato-grossenses possam ampliar a esfera dos seus conhecimentos, com as lições dos melhores mestres da Província e, ao mesmo passo, se habilitarem para o magistério das escolas públicas.” Alves (2011, p.13)

Nessa perspectiva o Dr. Souza Bandeira tentou adaptar a educação de Mato Grosso aos parâmetros da capital, dessa forma alguns avanços foram notados no cenário pedagógico de ensino no Mato grosso.

Em decorrência ao período da republica desencadeou-se vários problemas políticos assim atingindo o ensino no Mato Grosso, um dos momentos fortes foi segundo Alves (2011, p.14) [...] “em 1892 foram suspensa as aulas no Liceu Cuiabano, houve redução no pessoal da diretoria da instrução pública, alegando-se dificuldades financeiras e baixo número de matrículas no Liceu Cuiabano.” O então discurso proferido pelo presidente foi responsabilizar a presença feminina no ensino, alegando o descontentamento dos pais ao ensino público exercido por mulheres. Conforme Alves: (2011, p.14)

Com esse argumento o presidente propôs o regulamento de 1896, no qual instituiu o ensino primário em escolas elementares e complementares, estas últimas de caráter "livre" e com o oferecimento de aulas de "costura" às meninas. Quanto ao ensino secundário, seria ministrado pelo Liceu Cuiabano, com a denominação de "Curso de Humanidades" e deveria preparar os alunos para desempenharem qualquer profissão, inclusive a do magistério público. Em 1903, devido à promulgação de lei nº 317, de 02 de abril de 1902, se teve nova reorganização do ensino. O Liceu Cuiabano voltou a ser equiparado ao Colégio Pedro II. O currículo passou a ser composto por 17 disciplinas, ministradas em seis anos e, ao final do curso, o aluno deveria passar por um exame de Madureza que conferiria aos concluintes o título de bacharel em Ciências e Letras.

Contudo esse foi um período marcado por grandes transformações a inserção do Mato Grosso no contexto do “Capitalismo financeiro”, pois com os avanços e aceleração da modernização o direcionamento foi investir no ensino, já que a proposta era a alfabetização e preparação da população mato-grossense para se igualar ao sistema e progressos ocorridos no estado. Segundo Alves (2011, p.14-15) “Nesse sentido, em 1910, foi organizada uma reforma no ensino mato-grossense com vistas à expansão do ensino primário, formação de quadros para o magistério e serviços em geral.”

No ano de 1926 as instituições de ensino contavam com péssimas estruturas e em perfeito estado de abandono, os professores não possuíam suportes para o ensino e nenhuma formação. Além das precárias condições, o acesso e permanência dos professores na zona rural era praticamente impossível.

Segundo Alves (2011, p.20) “A 13 de maio de 1937 foi realizada a Campanha da "Segunda Abolição", através da qual, em um só dia, foram criadas 1248 escolas em todo o país⁷⁴; dentre estas, 10 foram criadas em Mato Grosso.” Essas manifestações tinham o intuito de inserir a população na educação, tornando os mesmos livres no sentido do aprendizado e decaindo as taxas de analfabetismo o que vinha a favorecer no planos de desenvolvimento do então presidente Getúlio Vargas.

No decorrer desse período ouve a revogação da escola normal, aos professores eram oferecidos condições decadentes para exercer o magistério, contudo era uma época de opressão, os docentes preferiam não ir contra o sistema, mesmo sujeitos a essas situações. Segundo Alves (2011, p.21) “Através do Decreto nº 262, de 29 de março de 1939, foi conferida também aos prefeitos municipais e aos promotores de justiça a atribuição de fiscalizar e inspecionar os estabelecimentos escolares do Estado quer da rede pública ou privada.” Escolas foram aprimoradas para proporcionar ensino aos adultos, o intuito era instruir soldados para servir ao país, os docentes realizavam suas aulas sob os cuidados das autoridades militares.

O Mato Grosso nos anos 40 passou por momentos marcantes desde o campo de produção agrícola ao ensino, que nesse momento passou a ser ofertado por meio de escolas noturnas, que tinham o propósito de motivar os trabalhadores a ir em busca do conhecimento, com propósitos políticos visionados por Getúlio. Com exploração voltada ao centro do estado o governo investia em escolas rurais e agrícolas para atrair os colonizadores, ou conforme Alves (2011,p.23) “Através do Departamento de Imprensa e Propaganda divulgava-se a doação de colônias agrícolas, incitando, principalmente os menos favorecidos, a participarem da "Marcha para o Oeste".”

Todavia a despeito do processo pelo qual o Mato Grosso tenha passado desde invasões, explorações, precariedades com o ensino, afirma Alves (2011, p.23) [...] “a expansão escolar teve seu papel no processo de modernização e colonização de Mato Grosso, no período de 1910 a 1946”.

3. METODOLOGIA

Por meio da metodologia nos pautamos de ferramentas essenciais no processo de construção e organização do trabalho, para Prodanov et al (2013, p.14) “A metodologia é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para a construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade.” Para tanto entende-se que esses métodos auxiliarão na elaboração e construção do trabalho acadêmico, possibilitando um melhor desempenho, auxiliados por meio de pesquisas bibliográficas e descritivas.

Para chegar aos objetivos destinados no presente, foram utilizados métodos de pesquisa de cunho bibliográficos nas áreas de História da Educação do Brasil e do Mato Grosso, e outros como artigos científicos retirados da Internet. No que se refere aos tópicos pertinentes a História da Educação do Município de Juína, será respaldado através de entrevistas com professores que fizeram e ainda fazem parte do contexto educacional, ocorrerão por meio de questionários qualitativos, seguido de entrevistas (relatos) de suas histórias vivenciadas na educação nos primórdios da colonização. Portanto segue alguns conceitos de pesquisa relacionados ao que tange o presente trabalho.

Conforme Fazenda (2004, p.52) “A descrição constitui, portanto, importância significativa no desenvolvimento da pesquisa qualitativa”. [...] “podem ser emotivas, tanto quanto se deseje que elas sejam, mas nunca serão certas ou erradas. “Todavia de uma maneira mais aprofundada será realizado a descrição dos relatos e dados dos indivíduos pesquisados. Esses elementos advindos de suas histórias de vida servirão como embasamento para a produção e elaboração desse trabalho de pesquisa científica, as informações aqui não serão contestadas, estando a disposição como registro histórico.

No que diz respeito à pesquisa, Marconi e Lakatos (2010, p.01) indaga, [...] é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais.” Para tanto através da pesquisa o indivíduo se ampara em dados que objetiva um maior esclarecimento de fatos decorrentes a problemática,

que nesses contexto compreende a história dos professores, e conseqüentemente da educação e suas contribuições para o processo de colonização do Município de Juína.

São vários os conceitos de pesquisa a serviço do acadêmico aqui titulado pesquisador, esse então se fundamentará do método que compreender mais adequado para chegar ao seu objetivo, para o próprio fez se o uso de pesquisa qualitativa, e entrevista com enfoque descritivo, utilizou-se dos seguintes procedimentos.

A pesquisa foi direcionada a professores em sua maioria aposentados, mas que ainda contribuem diretamente ou indiretamente com a educação e professores de início de carreira da zona rural e urbana do município de Juína, as perguntas fechadas e abertas objetivavam expor informações particulares acerca de início de carreira, situação salarial, formação continuada, lutas pela categoria, anseios e dificuldades passados na educação de Juína, entre outras. Através dessa metodologia, durante as entrevistas buscou-se registrar momentos de extrema importância de vivência particular individual cada relato foi único, mas com detalhes essenciais que contribuíram para a conjuntura do trabalho de monografia.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nos próximos capítulos serão abordados os resultados alcançados através da pesquisa, trazendo o contexto histórico da educação no processo de colonização do município de Juína, com enfoque especial na trajetória de vida de professores que fizeram parte da construção da educação no município. Todavia os relatos são marcados por sentimentos de emoção por parte de professores que almejavam uma educação com mais oportunidades de ensino.

4.1 LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DO MUNICÍPIO DE JUINA-MT

Juína⁴, conhecida como a “Rainha da Floresta” foi idealizada a princípio com a intenção de ser uma cidade construída em meio à Floresta Amazônica. Na época segundo lores (2009, p.18) sua “área de mais de 400 mil hectares entre os Alto Aripuanã e o Juína Mirim, foi reservada para o projeto Juína” hoje sua extensão foi reduzida devido o desmembramento dos municípios de Aripuanã e Castanheira, ficando com uma espaço territorial de “26.189,913” (IBGE, 2014). A seguir na (figura 01) mapa com a localização de Juína e as cidades que fazem divisa.

Figura 01: Mapa Município de Juína



Fonte: ipbjuina.comunidades.net

⁴O nome dado ao município, antes conhecido como Rainha da Floresta, advém de uma narrativa que conta o massacre sofrido pelos Cinta-Larga, na qual a índia Juyná fora assassinada brutalmente fazendo com que a população local batizasse um dos afluentes do Juruena com o nome de Juyná Mirim.

Conforme Ferreira et al (1993, p.1) seu nome “[...] deve-se ao rio Juína-Mirim, que corta seu espaço territorial no sentido Norte-Sul”. Região essa nesse período já então ocupada por grupos étnicos “dos povos Cinta-Larga e Enã-wenê-Nawê e outras áreas destinadas a Reserva Ecológicas, a exemplo do Iquê-Juruena”.

Com os avanços territoriais por parte do fluxo de exploradores essa região e seus povos passaram a viver constante embates sendo obrigados retroceder em virtude das invasões. Foi através da “[...] Codemat- Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso- pensado inicialmente por um grupo de diretores e funcionários, juntamente com diretores da Sudeco – Superintendência de Desenvolvimento de Centro Oeste – a iniciativa do projeto Juína.” (FERREIRA et al 1993, p.1).

A primeira notícia que se tem da penetração do homem branco na região vem do ano de 1742, quando Leonardo de Oliveira, desceu o rio Juína e prosseguiu viagem pelo Juruena abaixo até o Estado do Para. Pela região passou a Comissão Rondon e a linha telegráfica. Os estudos atingiram a região do atual município de Juína. Os primeiros contatos com os povos Tupi-Mandé, dentre os quais estão inclusos os povos Cinta-Larga, foram realizados pela Comissão Rondon no início deste século. (FERREIRA et al 1993, p.1).

A autora ainda enfatiza que ao longo do caminho percorrido pela comissão em busca da implantação das “linhas telegráficas” muitas “vilas e seringais” sugeriram, mas nenhuma tão pouco ameaçou tão bruscamente o povo Cinta Larga. Ao longo dos anos sucederam intensos confrontos entre o povo Cinta Larga e os “seringueiros, castanheiros ou caçadores-de-pele”.

“Na década de 50, algumas operações ganharam proporções alarmantes, resultando no extermínio de quase todas as aldeias Cinta-Larga situadas entre os rios Juruena e Aripuanã. Um desses crimes, o Massacre Paralelo 11, no ano de 1963, promovido pela empresa Arruda e Junqueira, ganhou repercussão na imprensa internacional, gerando severas críticas à prática de genocídio de índios no Brasil.” (FERREIRA et al, 1993, p.3)

O massacre do paralelo 11, ficou conhecido como a mais brutal matança acometida no país, a dizimação quase completa do povo Cinta-Larga, por consequência da ganancia e grilagem de terras, muitos inocentes foram assassinados estuprados e torturados, pelos mandos e desmandos em um período de uma terra sem lei.

Segundo Ferreira et al (1993, p.3) a população Cinta Larga se encontra nas áreas de reservas indígenas dentre os municípios de “Juína e Aripuanã” a chegada

dos “colonizadores” fez com que seus territórios limitados, coagindo a viverem em áreas determinadas pelos não índios.

Em 1976 os trabalhos de construção da AR-I estavam bem adiantadas e em 13 de janeiro desse ano reuniram-se, em Fontanilhas, diretores da Sudeco e diretores da Codemat, no hotel mandado construir pelo governador José Manoel Fontanilhas Fragelli, onde foi formulado o projeto com a ideia da implantação de uma cidade no meio da selva amazônica. (IORES 2009, p.18)

A seguir na (figura 02) vista aérea do projeto Juína em 1976.

Figura 02: Vista Aérea Projeto Juína 1976



Fonte: VALLE, Ivani Cardoso Dalla

Somente a partir de 1978 é que inicia-se a colonização de Juína, devido a migração de famílias oriundas especialmente das regiões sul, sudeste e centro oeste do país. Muitos desses induzidos por uma propaganda um tanto demasiada, sobretudo em relação às terras férteis, porém o trajeto não era agradável devido às dificuldades com as estradas de difícil acesso, pois chegavam a gastar dias para que se chegassem ao destino. Assim foi se colonizando a cidade através de migrantes que traziam consigo os anseios por terras produtivas, para a realização de plantio e cultivo de lavouras, e outros com o desejo em desenvolver a pecuária.

A seguir nas (figuras 03 e 04) vista aérea das instalações administrativas da CODEMAT e acampamento da construtora Tavares LTDA (Bodinho) no ano de 1977.

Figura 03: Vista aérea das instalações administrativas da CODEMAT- 1977



Fonte: VALLE, Ivani Cardoso Dalla

Figura 04: Acampamento da Construtora Tavares LTDA (Bodinho)1977



Fonte: VALLE,Ivani Cardoso Dalla

4.2 EDUCAÇÃO EM JUÍNA: NOS PRIMÓRDIOS ERA ASSIM

São insuficientes os registros sobre a história da educação no município de Juína, alguns citam apenas acontecimentos pelos quais tentou-se a organização de instituições de educação. A diante serão expostos relatos de professores que

estiveram presentes na colonização, e que fizeram e ainda continuam parte da história, construindo e referenciando a educação no conjuntura municipal.

A professora Zilma Marques Graeff, narra “naquela época com 11 anos de idade, chegamos em Fontanilhas em 1976, descemos de avião minha mãe e os 6 filhos, pai veio depois de balsa demorou 4 dias pra chegar, viemos para Fontanilhas por intermédio de um irmão de minha mãe, Juína não existia, era apenas uma abertura que ligava a estrada. Fontanilhas era bem organizado tinha motor que produzia energia elétrica, o difícil era a alimentação que vinha de balsa então tinha que ser vendido regrado para que desse para todas as famílias, até a chegada de outra remessa, e a comunicação, como havia correios já era feito através de avião tinha as rotas, tinha radio amador essa era as formas de se comunicar à distância, havia mais assistência por parte do governo quando adoeciam, por exemplo, usando o avião para isso, somente depois de anos estudando que percebi a realidade dessa assistência por parte do governo, o objetivo por trás disso era a colonização do norte do Mato Grosso.

A seguir nas (figuras 05 e 06) As primeiras paginas da carteira de trabalho da prof. Zilma Marques Graeff constando o registro de seu 1º emprego como professora.

Figura 05: Pag. Inicial da Carteira de trabalho Prof. Zilma



Fonte: GRAEFF, Zilma Marques

Figura 06: 1º Registro de trabalho Prof. Zilma 09/03/83

CONTRATO DE TRABALHO

Empregador: Prefeitura Municipal de Juiz de Fora
 Rua: tipo comercial n.º 511
 Município: Juiz de Fora, Est. MT
 Esp. do estabelecimento: Prefeitura
 Cargo: Professora
 C.B.O. nº
 Data admissão: 09 de Março de 1983
 Registro nº
 Remuneração especificada: Cr\$ 37.200,00 (trinta e sete mil e duzentos reais)
 Ass. do empregador ou a cargo c/ test.
 1ª
 2ª
 Data saída: 31 de Janeiro de 1984
 Ass. do empregador ou a cargo c/ test.
 1ª
 2ª

CONTRATO DE TRABALHO

Empregador _____ Nº _____
 Rua _____ Est. _____
 Município _____
 Esp. do estabelecimento _____
 Cargo _____ C.B.O. nº _____
 Data admissão _____ de _____ de 19 ____
 Registro nº _____ Fls/Ficha _____
 Remuneração especificada _____
 Ass. do empregador ou a cargo c/ test.
 1ª _____
 2ª _____
 Data saída _____ de _____ de 19 ____
 Ass. do empregador ou a cargo c/ test.
 1ª _____
 2ª _____

Fonte: GRAEFF, Zilma Marques

A figura 07 mostra a solenidade de hasteamento de bandeira na escola municipal “Maria Lygia Borges Garcia”, com a presença do governador Garcia Neto, sua esposa Maria Lygia o 1º prefeito Orlando Pereira e demais autoridades.

Figura 07: Escola Municipal Maria Lygia de Borges Garcia (Fontanilhas)



Fonte: Ivani Cardoso Dalla Valle

“Nós nunca havíamos ido para a escola, pois não ficávamos muito tempo em um lugar depois de saímos da Bahia, como meus pais resolveram que ali que iríamos ficar minha mãe nos matriculou na Escola Maria Ligia de Borges Garcia, a escola era

de responsabilidade de Aripuanã, havia 5 salas e funcionava em 3 períodos, no primeiro ano eu fiz 2 anos em 1, Orlando Pereira era inspetor regional passava na escola e ia pra Aripuanã. Terminei a 8ª série e comecei a lecionar lá mesmo em 1983. Minha carteira foi assinada pelo já então prefeito de Juína Orlando Pereira. Iniciei o magistério, mas como a dificuldade da distância até Juína com minha filha novinha acabei desistindo, nos mudamos para Castanheira então terminei o magistério”.

“Em 1990 fiz o concurso só deram posse em 1995, fique 10 anos em Castanheira, devido a trabalho do meu marido nos mudamos para Juína em 1999, vim como efetiva tomei posse na escola Marechal Rondon, depois por questões de pontos fui para a 21 de Abril em 2000 onde estou lá até hoje.”

Esse foi um relato de quem vivenciou as primeiras manifestações de educação oferecida à população antes do então projeto Juína, lembrando que nesse período apesar de existir um número grande de habitantes em Fontanilhas, o distrito pertencia a Aripuanã, depois da construção da estrada que ligava Fontanilhas à Aripuanã muitos se mudaram para cidade.

Segundo Ioris (2009, p.92) (...) ainda em 78, funcionou uma escolinha, cuja a professora era uma freira de Aripuanã, mas a primeira professora de Juína foi Terezinha Gonçalves, que lecionou na escolinha chamada “Pingo de Gente”, onde é hoje a “Casa da Saudade” ai lado da Catedral Diocesana.” Em virtude do aumento populacional com o passar dos anos foram se obrigando a trazer professores de outros estados e investir em formações para populares que desejavam lecionar.

Nas (figuras 08,09 e 10) Imagens da 1ª Professora de Juína (Terezinha Gonçalves) durante visita do governador, desfile 7 de setembro e a 1ª Igreja Católica (Hoje Catedral).

Figura 08: 1ª Professora de Juína (Terezinha Gonçalves)



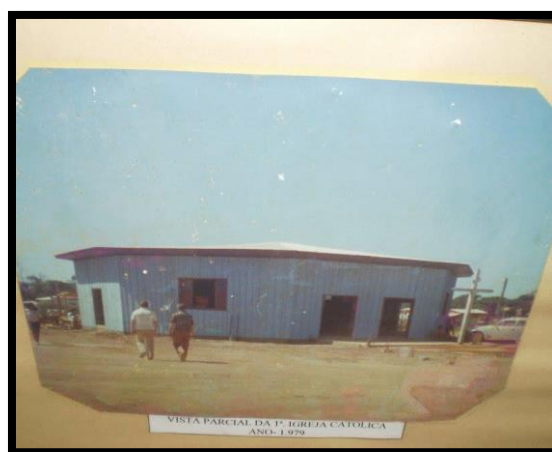
Fonte: VALLE, Ivani Cardoso Dalla

Figura 09: Desfile de 07 de Setembro



Fonte: VALLE, Ivani Cardoso Dalla

Figura 10: 1ª Igreja Católica (hoje Catedral)



Fonte: VALLE, Ivani Cardoso Dalla

A professora aposentada Maria Aparecida Cera Casquet, hoje com 68 anos, conta o seguinte “inicieei na educação em 1967 em Colorado PR, depois fui para Alto Piquiri PR em 1973, como naquela época pagava-se pouco financeiramente achei melhor vim para Tangara em 1978 onde chegando logo fui empregada. Me mudei para

Juína em 1979, contratada pela CODEMAT, onde lecionei para 4ª série em uma salinha onde hoje é casa da saudade. Nesse período a escola Dr. Guilherme estava sendo construída ajudei a fazer o levantamento e matrículas das crianças indo em suas casas, a escola veio a funcionar mesmo em 1980 com 8 salas de aula, atendendo de 1ª a 8ª série, nesse mesmo ano foi formado o 2º grau com o nome “análise de solo”.

A seguir nas (figuras 11 e 12) Desfile de 07 de setembro e as instalações da Escola Dr. Guilherme primeira Escola de Juína.

Figura 11: Desfile de 07 de Setembro



Fonte: VALLE, Ivani Cardoso Dalla

Figura 12: Escola Dr. Guilherme



Fonte: Valle, Ivani Cardoso Dalla

“Nessa época o centro contava com umas 50 casas, então foram surgindo 6 escolas satélites nas redondezas da cidade na zona rural, “me lembro que na linha 5, tinha os professores Osmar, Pedro Feitosa e Luzia Bespaluque. Outras duas na linha 4 responsáveis eram Gadani, Xexeu e sua esposa Sonia. Uma na linha Pesquisa, não vou me lembrar dos nomes dos responsáveis, mais duas na linha J, e uma na linha 6 com a professora Alaide Rodrigues de Lima”.

“As dificuldades que os moradores tinham era em relação à distância em que se gastava 4 dias para chegar a Cuiabá, questões de atraso salarial e a comunicação pois havia apenas o rádio da CODEMAT, a questão do salário também, pois era muito baixo e ainda não era justo, “trabalhei sempre como costureira para ajudar a suprir a necessidade. Além de professora pela educação fui vice diretora, supervisora e tesoureira na superintendência regional em 1991. Nos anos de 1997 a 1998 ocorreu

um caos com a falta de professores para se trabalhar com o 2º grau, uma precariedade fora de sério, o fato era que o salário além de ser uma miséria se demorava a receber.”

“Até que em 1988 foi criada a Delegacia de Educação de Juína, através do decreto nº 5.298/88, tendo à frente o professor Zenon José dos Anjos, primeiro Delegado de Ensino do município. Batalhador, idealista, conseguiu múltiplos benefícios para a área. [...] Posteriormente a Delegacia de Ensino foi ocupada pela professora Ana Pires Zaniolo, esta manteve –se com igual desenvoltura na função de delegada de Ensino, assegurando ainda a eleição democrática para as escolhas de diretores, superintendentes e conselheiros das escolas municipais e estaduais. Em 1991, houve eleição e foi escolhida para a Superintendência Regional de Educação de Juína a professora Ivani Dalla Oalle, pelo Período de três anos. Boa profissional e lutadora, conseguiu junto ao secretário de Educação, Osvaldo Sobrinho, avanços para a educação juinense e a construção de 47 salas de aula, em parceria Estado/Município”. (FERREIRA et al,1993, p.14)

Para a professora Ivani Cardoso Dalla Valle, aposentada, que hoje exerce o cargo público de vereadora do município, sua trajetória se deu da seguinte maneira: “Cheguei em Juína em outubro de 1979, não haviam mais que 500 pessoas, sem infraestrutura água, energia, pavimentação, escolas, hospital estava sendo construído, porém sem nenhum recurso. A princípio morávamos em uma barraco de lona, enquanto aguardávamos a instalação de uma serraria para produzir as madeiras para a construção de uma modesta casinha, no setor industrial.”

“Nessa época início de colonização da cidade, a maioria das famílias eram de casais recém-casados com filhos pequenos em idade escolar. Em 1979 criou a 1ª escola o pinguinho de gente. Em 1980 foi inaugurado a Dr. Guilherme, enviado de Vilhena o Professor Zenon dos Anjos para ser diretor, ele foi então na minha casa ver se eu poderia pegar uma turma de 4ª série, minha formação era curso técnico economia doméstica ensino médio.”

“Em 1980 cursei o Logus II (magistério), passei em 1982, em 1987 fiz o curso de Pedagogia extensão de Alta Floresta pela UFMT, realizava nas férias, a partir daí conseguimos trazer o curso de Pedagogia para o município depois história, administração e direito. Em 1985 fui convidada para ser coordenadora, trabalhei de 1985 a 1990 na parte administrativa em 1990 fui eleita superintendente regional de educação o polo, tinha que percorrer todas as cidades vizinhas, não tinha nada de estrutura mais conseguimos montar uma equipe muito afinada apesar de todas as dificuldades conseguimos fazer um bom trabalho, fiquei por 3 anos, depois 14 anos no EJA. Fiz especialização em Educação Física Infantil, pela UFMT de Sinop em 1993

e Formação de formadores de Formadores de Educação de Jovens e Adultos pelo SESI Universidade de Brasília UAB em 1995. De 1980 a 1985 trabalhei no Dr. Guilherme.”

Conforme Pinto et al (2010, p.224-225) Logos II “[...] curso iniciado na década de 1970 e ofertado até o início da década de 1990. Esse curso tinha como característica principal atender Professores Leigos em serviço atuantes na Zona Rural, por meio do que, hoje, chamaríamos de Modalidade a Distância: o Projeto Logos II.” O curso ocorria através de módulos, por esses os professores eram conduzidos de como executar atividades pedagógicas direcionadas aos alunos. Era fundamental no processo de formação dos professores, em uma época que de péssimas condições de acesso, onde suporte pedagógico era praticamente escasso, os docentes da época foram formados e aperfeiçoados e muitos continuam a ensinar nas escolas municipais, estaduais e CEIs do município.

Escassos registros citam alguns nomes que participaram de uma parte da história, alguns desses ainda estão no município parceiros na educação em busca de melhorias para classe, outros ocultos, mas que foram de desmedida importância para o contexto histórico da educação em Juína.

Na (figura 13) estão presentes alguns professores: Como Geneval Pereira, Ivani Dalla Valle, José Rodrigues filho, Pedro de Alcântara Feitosa, entre outros.

Figura 13: Professores de Juína



Fonte: Facebook Geneval Pereira

No relato do professor Wilson Aparecido Pereira formado em Educação Física pela UEM – Universidade Estadual de Maringá. “Eu vim de Maringá PR, mas não nasci lá, de uma família que se mudava muito, muito pobre, com 20 anos eu havia mudado em 22 casas diferentes. Meu pai era motorista de caminhão, pai de 7 filhos, comecei fazer faculdade terminei em 1981, um amigo falou que se não conseguisse emprego que eu fosse para Juína, cheguei em Juína 5 de maio de 1982, os contratos eram feitos em Cuiabá, se montava em Juína, juntava-se um tanto de contratos e enviavam há Cuiabá, essas viagens demoravam entre 5 e 7 dias pra ir e a mesma quantidade pra voltar.”

“Quando chegaram os contratos de professores de educação física já tinham sido pegos, daí me deram aulas de português devido a saída de uma professora para se tratar, fui pegando aulas de português, matemática, ciência, história, era permitido se pegar até 75 aulas, os professores pegavam aulas, e desistiam e iam embora, daí me passavam as aulas, até que saiu um concurso em Cuiabá, nós viajamos em caravana 2 ônibus da cidade, acabei passando no concurso, sendo o único nível 5, pois quem tinha curso superior era nível 5 naquela época, mas tinha mais 12 aprovados de nível 1 “me lembro de alguns que eram a Ivani Dalla Valle, Coutinho, Zé Rodrigues, Pedro de Alcântara, Zé Augusto que junto com ele fez o hino de Juína, Geneval um ótimo alfabetizador, entre outros, eram 12 que haviam feito o LOGUS II”.

“Educação física hoje é área de linguagem, naquele tempo era mais ligados a parte da física, ligado a medicina, quando cheguei fui lecionar no Guilherme, pois era a primeira, mas não era a primeira escola que trabalhei pois durante o período da faculdade lecionei durante 3 anos em uma escola em Sarandi Paraná, e no Sesc. Decidi trabalhar por precisão, comecei as aulas em 1979, eu queria mesmo era ser terapeuta, mas nesse período namorei e casei e os planos mudaram, minha vinda para Juína aparentemente era uma coisa boa, mais depois sofri com algumas situações, certa inveja, não sendo prepotente, acontecia no momento de pagar aulas, pelo fato de ser o único de curso superior.”

“Após passar no concurso foi um período complicado, pois pegava as aulas que sobravam, no meio do ano teve concurso do banco do estado eu fiz e passei fiquei com duas cadeiras no estado, depois de um tempo adquiri uma úlcera e resolvi sair, as maiores dificuldades encontradas foram as questões dos contratos, no primeiro ano fui receber o salário apenas em outubro, eu só não passava necessidade

pois tirava um extra com as aulas de substituição, não ficando tão dependente do salário, mas para outros professores a situação era mais difícil, muitos anos recebendo depois das férias de julho.”

“Outra dificuldade era a formação continuada, o sindicato lutava muito pelas formações, hoje percebo o contrário, pois os professores têm e não querem fazer, naquela época era colocada em pauta de reivindicação ao governo, além da questão salarial que era baixíssimo, não se tinha livros nem rádio, apenas uma rádio que funcionava a nacional de Brasília.”

Um projeto considerado de notável importância foi a implantação do Logus II, criado pelo MEC o projeto vinha favorecer aqueles professores considerados “leigos”, todavia esses professores se encontravam em lugares de difícil acesso e pouco desenvolvimento, por meio do mesmo os interessados em lecionar terminavam o ensino fundamental e médio e através de provas, concluía assim o magistério e conseqüentemente estava habilitado a ensinar, contratado pelo governo do estado.

O Logus foi de grande importância na formação base da aprendizagem de boa parte dos pioneiros da educação do Município de Juína. Aqui algumas narrativas de professores que concluíram sua formação através do Logus II. Como o caso da professora Marcia Pereira formada em história pela UEM – Universidade Estadual de Maringá, hoje aposentada narrou que “Sonho eu tinha de trabalhar na educação, mas o objetivo de ter vindo pra Juína era acompanhar o marido, ter sonho é uma coisa, outra é se tornar realidade quando o Wilson me chamou pra dar aula levei um susto não sabia o que dizer, nunca entrei em uma sala de aula como isso aconteceria, mas Wilson sempre me encorajando, fui e substituí uma professora por dois meses e depois iniciei o Logus, não sabia bem se aquilo era dar aula e se podia ser daquele jeito mas a primeira expectativa de vida em quanto professora foi essa entrada na sala de aula, e fazer o Logus foi o primeiro impulso pra ser professora, quando terminei o Logus comecei a trabalhar no Artur como interina com muito medo por sinal, iniciei na pré-escola sem muita experiência mas todos naquele período não tinham muito, era enfrentamento, pois não se tinha formação você começava a trabalhar, uma conversa e outra você ia adquirindo experiência e engajando naquele serviço.”

“No segundo momento fui percebendo uma relação de amigos que já tinham outros trabalhos que realizavam e com poucos companheiros de trabalhos foram

dividindo as angustias e se ajudando uns aos outros, aprendendo estudando livro didático era o apoio central, ficou muito tempo somente com acompanhamento do livro, tinham uns 40 a 45 alunos por turno, de 1987 a 1988 tinham 3 períodos de aula, era muito aluno pra pouca escola e pouca experiência também, mas isso funcionava, mas tinha uma reprovação muito grande nesse período, por falta de experiência nossa como ciclo de formação humana por exemplo, que é um ciclo de formação e continuidade da aprendizagem, nós não tínhamos isso, de 45 alunos reprovavam cerca de 18 a 20 alunos, era uma porcentagem muito grande e uma falta de formação e experiência grande nossa.”

“Por isso que falo que formação continuada é uma conquista da própria questão da categoria mesmo, uma realização das unidades escolares, que cada unidade apresente as dificuldades que a gente possa discutir e assim melhorar o nosso trabalho, não só uma formação continuada das faculdades mais da própria escola mesmo e essas questões me fez amadurecer muito, em 1996 quando comecei a fazer faculdade de história minha vida deu uma mudada muito grande, pois a faculdade é um espaço de conhecimento e a oportunidade que todos os jovens ou adulto deveria ter, pra essa mudança de mentalidade, então esse foi o meu período de mudanças.”

“Os professores que vinham as discussões me fizeram mudar muito o Wilson também me fez mudar as conversas e dificuldades que eu sentia, percebi em sala com o processo que cada pessoa aprende em seu tempo, hoje eu sei disso, hoje poço dizer o seguinte que o viver o estar com outras pessoas, outros profissionais da categoria da educação faz agente aprender muito, trabalhei 7anos no alternativa educação de jovens e adultos, foi de grande aprendizagem, ali eu entendi que não sabia tudo, sempre está aprendendo, cada lugar tem uma forma diferenciada de alunos.”

“E por último trabalhar no CEFAPRO foi uma experiência que nunca pensei na vida, trabalhar com professores da região, com professores indígenas, por exemplo, aprendi muito com eles, as diferenças e dificuldades que se tem a escola do campo e a indígena tem uma proximidade muito grande a questão do currículo uma da outra, a diferença nossa, por exemplo, o humano que se tem dentro da educação indígena e rural não é o nosso do centro urbano, estar perto das comunidades é mais fácil de discutir pois eles te dão abertura pra isso, já na cidades a questão da

humidade é muito pouca, nós deveríamos aprender com eles, pois se acha que ao sair da faculdades com um grau há mais isso cabe saber tudo, igual a questão da disciplina o que é essa disciplina como lidamos pra ela, e a questão de se entregar aos alunos, pois se fosse somente chegar ensinar, precisamos se doar a questão do aluno que precisa de atenção de uma olhar, de um simples passar de mão pra eles é muito, esse carinho que podemos dar.”

O professor Geneval Pereira de Araújo chegou em Juína em 1979, iniciou na educação em 1980 concluiu seu ensino através do Logus II, formado em Pedagogia pelo NEAD em 2003 contou que “Bom eu cheguei aqui em Juína com o intuito de trabalhar na agricultura daí surgiu uma vaga no ensino supletivo em uma escola rural aí comecei a trabalhar com jovens e adultos depois gostei do que eu estava fazendo pois além de ensinar nós aprendemos ainda mais, daí e comecei a trabalhar também nos anos seguintes com o ensino fundamental na qual eu estou até hoje. Minha experiência na educação eu gosto de trabalhar pois além de ensinar para as crianças jovens e adultos a gente vai adquirindo mais conhecimento cada dia você fica mais experiente no conhecimento.”

José Rodrigues Filho finalizou o ensino médio pelo Logus II em 1982, se formando em Pedagogia em 1994 pela UNEMAT. Expôs o seguinte “Quando vim como já tinha trabalhado em outro município a intenção era dar continuidade no trabalho de educador em Juína, não foi tão fácil, pois a gente chegou e fomos morar no sitio daí fiquei quase 1 ano parado daí entrei como substituto de um professor, depois fui contratado pra trabalhar, logo em seguida saiu o Logus II formei fiz o concurso e continuei até aposentar.”

“O processo todo foi de luta, pois não tínhamos as condições adequadas para se ensinar, tinha que buscar criar, você não tinha os recursos tecnológicos, tinha a tecnologia que a gente usava no dia a dia, apagador e giz, as coisas naturais, mas agente como tinha o objetivo de ser educador e dar continuidade a gente buscou e conseguiu superar as dificuldades, mas as maiores dificuldades eram essas condições, não tinha material, hoje temos internet, computador, é só clicar e aparece tudo pronto, outra questão que tinham dificuldades ainda continua de trazer os pais para a escola, pais eram trabalhadores viviam na fazenda no sitio, mas os alunos eram alunos pacíficos não vou falar bons pacíficos, eram obedientes, respeitavam, acabavam fazendo todas as atividades que se propunham a eles.”

“As dificuldades na maioria das vezes eram de materiais mesmo, questão de busca onde encontrar, mas nós éramos criativos buscávamos, carimbo feito com batatinha, mimeógrafo, que hoje tem pessoas que não conhecem os jovens talvez nem viram, usávamos quadro de prega, flanelógrafo que nós confeccionávamos em casa, fantoches, nos virávamos pra conseguir os objetivos e daquela forma conseguíamos ainda, mesmo despreparados conseguíamos ensinar o necessário aos alunos.”

“A matemática e português cobravam dos alunos, eles faziam tudo certinho eu me lembro de que a prova era em uma folha de mimeografo nós exigíamos não pode ter rasura, nada riscado tem que fazer tudo bonitinho e o aluno fazia, sabia se não fizesse era descontado, reprovava, pois era autoritário tinha que reprovar mesmo e foi assim por muito tempo”.

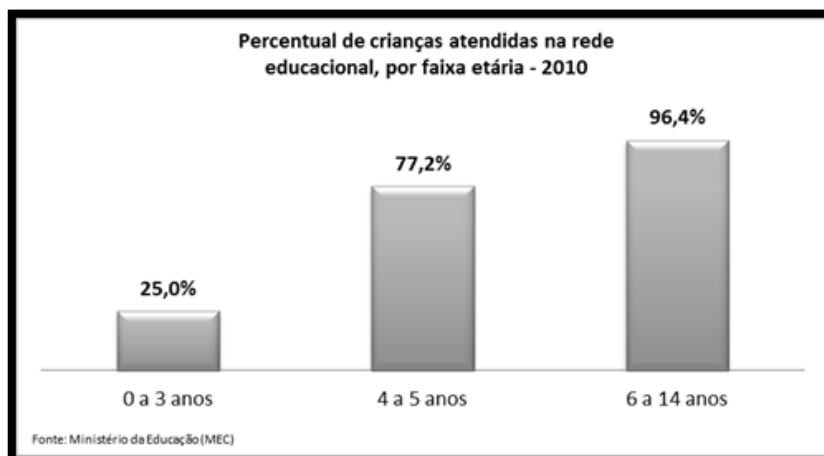
4.3 HOJE É ASSIM

No que remete a realidade educacional municipal, com base no PME⁵ são expostos notórios progressos, em comparação ao início do processo de colonização do Município, todavia também atenta para o quanto ainda se deve avançar. O plano traz em sua introdução alguns dados sobre o contexto educacional do município, segundo dados do PME Município De Juína MT (2014/2024) [...] “em agosto de 2010, a taxa de analfabetismo das pessoas de 10 anos ou mais era de 9,1%. Na área urbana, a taxa era de 7,6% e na zona rural era de 19,2%. Entre adolescentes de 10 a 14 anos, a taxa de analfabetismo era de 3,9%.No quadro abaixo dados da rede de ensino municipal.

Na (Figura 14) imagem com os dados do percentual de crianças atendidas na rede educacional por faixa etária 2010.

⁵ PME (Plano Municipal de Educação) O Plano contextualiza cada uma das 20 metas municipais, traz uma análise específica mostrando suas inter-relações com a política pública mais ampla e um quadro com sugestões para aprofundamento da temática.

Figura 14: Percentual de crianças atendidas na rede educacional por faixa etária-2010



Fonte: PME Plano Municipal de Educação Município De Juína MT (2014/2024)

A Educação Básica como direito de todo cidadão está garantido na Constituição Federal. Segundo (DCNs 2013, p.07) “[...] aos Estados e ao Distrito Federal, está assegurar o Ensino Fundamental e oferecer, com prioridade, o Ensino Médio a todos que o demandarem. E ao Distrito Federal e Municípios cabe oferecer a Educação Infantil em creches e Pré-escolas, e, com prioridade o Ensino Fundamental [...]” Para tanto diante das mudanças na Educação Nacional, o município foi se adequando com passar dos anos para atender as demandas constitucionais que trazem benefícios e evolução no campo Educacional.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil enfatiza a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica “[...] constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente de sistema de ensino e submetidos a controle social.” (DCNEI 2010, p.12)

Dados do PME revelam que no município hoje, as instituições de educação infantil que atende crianças de 0 a 5 anos em 2015 apresentam-se em um total de 13 instituições, sendo 9 municipais e 2 privadas situadas no centro urbano, enquanto 2 na zona rural. A Educação Infantil tem suma importância na constituição das primeiras etapas de vida da criança, nesse espaço o aluno terá a oportunidade de desenvolver habilidades pedagógicas e psicomotoras, como a relação com diversidades culturais e étnicas, possibilitando o desenvolvimento da identidade e a socialização entre os mesmos. Segundo Isabel Viera professora aposentada da rede municipal, quanto

questionada sobre os avanços na Educação Infantil relata “hoje os avanços são bastante significativos em diferentes aspectos, entre eles, destaco a metodologia, temos um grupo que adotou em sua prática pedagógica a metodologia de projetos, buscando trabalhar de forma diferenciada e com maior envolvimento da criança em suas práticas cotidianas, saindo da rotina, das atividades prontas e direcionadas, buscando envolver nas práticas pedagógicas atividades interativas voltadas pra realidade da criança.”

“Destaco ainda a relação do Cuidar e o Educar, trabalhada nas unidades, nos últimos anos. Sabemos que a criança, mesmo pequena, sabe muitas coisas, toma decisões, escolhe o que quer fazer, interage com pessoas, expressa o que sabe fazer e mostra em seus gestos, em um olhar, em uma palavra, como é capaz e compreende o mundo e esse novo olhar para com a educação dessas crianças possibilita novas aprendizagens e ainda abre espaço para que as mesmas construam sua própria autonomia, tenham poder de decisões, expressem seus sentimentos, interaja o grupo criando afinidades, construam sua linguagem e consequentemente sua aprendizagem com qualidade e de forma prazerosa.”

O ingresso no Ensino Fundamental possibilita à criança uma continuação no processo de ensino, permitindo que os mesmo passem a usufruir do direito à educação, com maior aprendizagem, segundo as (DCNs 2013, p.109) “[...] mais voltada à alfabetização e ao letramento, à aquisição de conhecimentos de outras áreas e ao desenvolvimento de diversas formas de expressão [...]”. O Ensino Fundamental reorganizado tem duração de 9 anos compreende crianças com faixa etárias de 6 à 14 anos, sendo ofertado na rede municipal em 09 escolas, sendo 2 no centro urbano funcionando em período integral, e 07 na zona rural. Já na rede Estadual são 08 no centro urbano, 01 na zona rural e mais 01 na zona urbana que atende o Ensino Fundamental Jovens e Adultos, totalizando 10 escolas. Ainda com 02 da rede privada no centro urbano.

Com relação ao Ensino Médio a LDB enfatiza que deve-se preparar o adolescente / jovem para a continuidade de seus estudos, para adentar ao mercado de trabalho e desempenhar o exercício à cidadania. Os DCNs enfatizam que entender o jovem do Ensino Médio, é despertar o olhar aos anseios dessa fase, perceber seus valores, necessidades e visões na particularidade de cada um. No tocante às instituições que atendem ao Ensino Médio constam de 06, sendo 03 da rede estadual,

destas 01 oferece ensino médio na modalidade EJA, 02 da privadas, e 01 federal com oferta de ensino integral.

Com a chegada do ensino superior, possibilitou-se almejar uma formação mais elevada, privilegio que no passado era direcionado aqueles que possuíam situação financeira favorável para buscar formação superior em outros estados. Hoje o município conta com 05 instituições de ensino superior, das quais 03 ofertam a modalidade de ensino a distância, sendo 01 núcleo da Universidade Estadual. Destas outras 02 ofertam ensino presencial, sendo uma particular e uma Federal. Todas as instituições de ensino superior sendo de modalidade presencial ou à distância, se destacam em sua maioria por ofertarem cursos de licenciatura plena, avanço significativo para a formação de novos professores, habilitados para dar continuidade e contribuição no processo de Educação do Município.

Perante os dados apresentados é notória a percepção sobre o processo de transformação pelo qual a educação passou em Juína, desde o processo de colonização do município até a atualidade. Assim, um evento que vem de encontro para fortalecer e refletir os rumos da educação para o futuro não apenas do município, mas também no estado, em alinhamento com o Nacional, e que nesse exato período vem sendo discutido, é a articulação das conferências para aprovação do PNE⁶. Em Juína aconteceu a II COMAPE (Conferência Municipal de Aprovação do Plano de Educação) nos dias 21 e 22 de Maio de 2015. A Conferência contou com a participação de delegados, provenientes das Escolas Estaduais, Municipais e dos CEIs, com o objetivo de através da colaboração dos delegados se articulasse as sugestões ressaltadas nas pré Conferências realizadas nas instituições de ensino do município.

Percebe-se um avanço no cenário educacional, a nível nacional, com autonomia dos municípios na discussão das ações e metas necessárias a melhoria da qualidade do ensino oferecido.

⁶ PNE (Plano Nacional de Educação) O plano também passou a ser considerado o articulador do Sistema Nacional de Educação, com previsão de percentual do PIB para o seu financiamento; portanto, deve ser a base para a elaboração dos planos estaduais e municipais, que, ao serem aprovados em lei, devem considerar a previsão de recursos orçamentário.

5 DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO DO FUTURO

A Educação no contexto Geral sempre passou por momentos de transformações umas mais expressivas e outras de afronta profunda, isso em diferentes conjunturas. Por meio desse resgate histórico, perpassando por vários períodos, percebemos que episódios como interesses políticos limitaram um maior desenvolvimento da educação. Contudo apesar de inúmeros desafios, vão sendo pensados e estabelecidos novas direções para a educação, e aos poucos percebe-se avanços significativos como mais recente, o PNE, essa proposta enfatiza a construção democrática de um plano de ação para contribuir com o processo de ensino, estudado e reformulado por profissionais da educação, de acordo com a realidade.

O Plano é uma ferramenta para planejar com compromisso e transformar a educação, traçando metas que alinhem a educação no município, estado. Conforme o PME do Município De Juína MT (2014/2024) [...] “se constitui em um passo importante para a construção do Sistema Nacional de Educação (SNE), esse esforço pode ajudar a construir acordos nacionais que podem diminuir as lacunas de articulação federativa no campo da política pública educacional.”

Possui importantes metas, com existência para 10 anos, através das propostas por ele abordada será necessário um fortalecimento do protagonismo do profissional da educação para que seja possível a transformação de um sistema de ensino mais digno e igualitário para o município, estado e conseqüentemente para o país. Por meio da II COMAPE (Conferencia Municipal de Aprovação do Plano de Educação) os delegados presentes puderam ajudar a elaborar e planejar a educação de Juína para a próxima década, votando, reformulando ou suprimindo as ementas e propostas trazidas pelo PNE (Plano Nacional de Educação) que não garantiam ou abarcavam as necessidades educacionais do município, na busca pela construção, o PME foi protagonizado pelos profissionais da educação do município, provenientes das escolas municipais e estaduais. Todavia não dependerá somente dos profissionais da Educação, os investimentos devem emanar por parte dos governantes, não se é dado uma Educação de qualidade sem investimentos públicos.

Através das propostas fomentadas no PME plano Municipal de Educação, oriundas do PNE Plano Nacional de Educação, percebe-se um progresso no contexto

educacional do país, os desafios existem, as sugestões foram enviadas, contudo cabe de toda classe um fortalecimento e impulso protagonista. Durante a história da educação muitos relatos citam que os poucos direitos obtidos foram conquistados por meio de lutas sindicais, paralizações e greves. Diante disso o professor Dr. Claudio Silveira Maia em sua fala na II COMAPE Conferência Municipal de Aprovação do Plano Nacional de Educação enfatiza que “Sem uma educação básica de qualidade não há como formar um bom profissional em nenhuma área.”

Diante de todo esse processo percebe-se o quanto ainda se tem que prosseguir, muito embora os avanços são notórios como as melhorias físicas, nos prédios de Escolas Estaduais, com reforma e construção de novas. Em contrapartida no município, o desafio é atender as demandas com a falta de estrutura física e de equipamentos em algumas instituições.

Outro avanço significativo é a formação e qualificação dos professores garantido aos profissionais de rede estadual e municipal, hora atividade remunerada, são algumas das conquistas por conta de suas lutas.

Dessa forma entende-se que se faz necessário apoderar-se do conhecimento e direitos do profissional da educação, assim como do aluno, o qual é o mais importante nesse contexto, pois, todavia ele apenas será um cidadão livre e consciente, se a ele for ofertado uma educação digna e de qualidade.

Acredita-se que ainda há um grande caminho a percorrer, respeito e dignidade são fundamentais para que ocorra essa evolução. Outro aspecto é olhar para o aluno na realidade em que está inserido, considerando suas características culturais e étnicas.

6 CONCLUSÃO

O trabalho exposto, contou com colaboração de professores que através de seus relatos nos proporcionou adentrar na história não somente da Educação, mas possibilitou um conhecimento mais aprofundado das dificuldades e desafios vivenciados no período da colonização do município de Juína. Realidades e situações difíceis como estradas de difícil acesso, distância, água, energia, saúde e educação foram acometidas a população nos primórdios.

Problemas como questão financeira, era corriqueiro, exposto pela maioria dos professores, ficavam seis meses ou mais sem receber o salário, por virtude da distância ou de lentidão na chegada dos contratos, até a capital. Todavia todo processo de povoamento ocultam situações diversas, cargos delegados a pessoas próximas, embates políticos que ocasionavam em demissões e outras injustiças que ficarão na memória ou perdido na história.

A formação de professores foi outra questão abordada mesmo por que a maioria não tinha curso superior, em alguns casos, nem mesmo haviam terminado o ensino fundamental. Foi então através do Logus II, projeto criado pelo MEC (Ministério da Educação) com o objetivo de dar formação e base aos professores, qual possibilitou a conclusão do ensino até o magistério.

Enfatizando ainda a formação, foram ressaltadas falas sobre a importância da formação continuada, o que antes era um anseio dos professores, alcançado através de lutas e reivindicações sindicais junto ao governo para a aprovação, hoje que é de direito, muitas vezes dão pouca ou nenhuma importância.

No tocante ao PME (Plano Municipal de Educação) muitas foram às indagações, ressaltando as metas e propostas traçadas para a educação nos próximos 10 anos. Contudo o que foi de expressiva observação, a participação dos profissionais da educação do Município e Estado, a realização da II COMAPE (Conferencia Municipal de Aprovação do Plano de Educação) ocasião essa de construção do plano, momento único de efetivação do protagonismo.

Diante do caminho percorrido pela Educação em sua conjuntura histórica até os dias atuais, sendo ela vítima de interesses particulares e políticos, conclui-se que

muitos ainda são os desafios para se concretizar de fato uma Educação de qualidade. Entretanto esse é um dever que deve ser despertado não somente nas lideranças políticas e administrativas, mas que deve ser fomentadas dia após dia no interior das escolas, sob responsabilidade dos profissionais que fazem da Educação o que ela é.

Na II COMAPE (Conferencia Municipal de Aprovação do Plano de Educação) muito se provocou para o papel protagonista do professor, enfatizava que muito do que estavam discutindo há tempos não saiu do papel. O momento é para fortalecer, retomar sua identidade, valorizar a luta e as causas, e partir para ação.

Nas entrevistas percebemos através das narrativas o quanto os professores com dificuldades, se sentiam gratificados, com o trabalho desenvolvido, observava-se entusiasmo ao relembrares fatos ocorridos, mesmo com pouca instrução e materiais pedagógicos, utilizavam-se da imaginação e criatividade. Portanto há de se valorizar esses e outros profissionais que formaram a base Educacional de Juína.

Verificou-se através do trabalho que apesar da escassa existência de obras bibliográficas que referem à Educação especialmente do Mato Grosso, e de Juína, as entrevistas foram de fundamental importância para a conclusão do trabalho, todavia a partir de então servirão como referência no auxílio à outros trabalhos.

REFERÊNCIA

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil**. 3.ed.São Paulo: Moderna, 2006.

ALVES, Laei Maria Araújo. **Breve Ensaio Sobre o processo de Expansão Escolar em Mato Grosso (1719-1946)** Disponível Em:
<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:S60W51Y7OOMJ:periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/coletaneas/article/download/130/121+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> Acesso em 23 de abr. de 2015.

Diretrizes Curriculares Nacionais para à Educação Infantil. Brasília: MEC, SEB 2010.

Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI,2013.

FAZENDA, Ivani org. **Metodologia da Pesquisa Educacional**.9.ed.São Paulo: Cortez, 2004.

FERREIRA, João Carlos Vicente: **Mato Grosso e seus Municípios**.2001.Editora Buriti,2001.

FERREIRA, João Carlos Vicente: et al. **Municípios do Mato Grosso**. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos,1993.

GHIRALDELLI Jr, Paulo. **História da Educação Brasileira**. 2.ed.São Paulo:Cortez,2006.

IORIS, Lídio. **Juína A Rainha da Floresta**. 2009.São Paulo: All Print Editora,2009.

IBGE **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas**. Disponível Em:
<[www.http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=510515](http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=510515)>Acesso Em 22 de abr. de 2015.

Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional.2010.5.ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

MARCONI E LAKATOS. **Técnicas de Pesquisa e Execução de Pesquisas, Amostras e técnicas de Pesquisa, Elaboração, Análise e interpretação de dados.** 7.ed. São Paulo: Atlas. 2010.

MOTTA, Maria Alice Alves da et al. **Psicologia E Educação No Movimento Da Escola Nova: Um Estudo Sobre As Concepções De Sujeito.** Disponível Em: < http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT1%20PDF/PSICOLOGIA%20E%20EDUCA%C7%C3O%20NO%20MOVIMENTO%20DA%20ESCOLA%20NOVA.pdf > Acesso em 21 de Jun 2015.

PINTO, Thiago Pedro: et al. **O Projeto Logos II em Coxim (MS): Algumas Leituras** Disponível Em: <<http://www.fecilcam.br/rpem/documentos/v3n4/Artigo%2010.pdf>> Acesso em 12 de maio 2015.

Plano Municipal de Educação. SMEC, SEDUC, 2014/2024.

REZENDE, Jabbez Pereira: et al. **História da Educação no Brasil.** Disponível Em: < <http://revista.faculadadedelta.edu.br/rgt/index.php/rgt/article/view/5> > Acesso Em: 17 de mar de 2015.

SILVA, Ana Paula da. **O Embate Entre A Pedagogia Tradicional a Educação Nova: Políticas E Práticas Educacionais Na Escola Primária Catarinense (1911-1945).** Disponível Em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1259/13>> Acesso em 21 de Jun 2015.